

AMÉLIA MACHADO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, 1852-1946



*O mistério alegre e triste
de quem chega e parte*
Álvaro de Campo

Amélia Machado de Coelho e Castro nasceu no Rio de Janeiro, filha do Dr. Constantino Machado Coelho de Castro e de D. Mariana Barbosa de Assis Machado. Foi a sexta mulher a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 5 de agosto de 1905, após Marie Rennotte (1901), Mary Robinson Wright (1901), Júlia Lopes de Almeida (1901), Veridiana Valéria da Silva Prado (1902) e Ibrantina Cardona (1905).

Célebre por sua beleza e elegância, D. Amélia foi considerada uma das mais notáveis damas da corte no segundo reinado. Fato pitoresco, que lhe diz respeito, envolveu o nome de Pedro Luiz Pereira de Sousa, poeta, jornalista e político de muito prestígio no Rio de Janeiro. Conta-se que, numa recepção, no Palácio Isabel, Pedro Luiz valsava com Amélia, futura Viscondessa de Cavalcanti, quando inesperadamente, entrou no Salão Nobre o Imperador D. Pedro II. Na vertigem da valsa e encantado com sua parceira, Pedro Luiz fingiu não ter visto D. Pedro II, tendo acenado à orquestra para que continuasse a tocar, fato que não passou despercebido ao Imperador. Meses depois, o nome do jornalista e político foi lembrado para ocupar importante cargo, tendo sido imediatamente vetado pelo monarca com esta frase irônica: “Pedro Luiz é um homem que ainda valsa”. Pedro Luiz era parente de Washington Luiz, último presidente da República Velha.

Amélia casou-se com o senador Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), filho de Diogo velho Cavalcanti de Albuquerque e de Angela Sophia Cavalcanti Pessoa, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda, Diogo Velho foi deputado provincial, deputado geral, Senador do Império pelo Rio Grande do Norte e Ministro de Estado, tendo sido agraciado com várias comendas.

Pelos serviços prestados ao Império, por decreto imperial de 30 de maio de 1888, D. Pedro II concedeu-lhe o título de “Visconde com honras de grandeza”. Os Viscondes de Cavalcanti, Diogo e Amélia, foram coproprietários do engenho Baixa Verde. Comarca de Nazaré da Mata, em Pernambuco. Parte de suas terras foram vendidas a “The great Western Company of Brazil Ltda”, para construir a estrada de Ferro Nazaré-Timbaúba.

“Tudo ajudava àquele casal para o sucesso social que assinalava, desde a inteligência do futuro Visconde às finas graças e formosura de D. Amélia Cavalcanti... O grande fulgor do Salão da Viscondessa de Cavalcanti durou de 1875 a 1878, período em que seu marido foi Ministro, mas, depois disso, continuou a ser um dos mais elegantes centros da alta sociedade do Rio, às quintas e aos domingos”.

Na fase final da Monarquia, em 1889, às vésperas da República, com o intuito de prestar homenagem à dedicação e lealdade de Diogo Velho, D. Pedro II nomeou-o comissário do Brasil junto à Exposição Universal em Paris. Estabelecido o regime republicano, os Viscondes preferiram permanecer na França. O advento da República interrompeu, assim, a carreira de um homem de Estado que, aos cinquenta anos, já havia ocupado os mais

importantes cargos político-administrativos no Brasil e que teve o mérito de jamais abandonar seu amigo, o Imperador destronado.

Ao adoecer, com grave prognóstico, o Visconde expressou o desejo de regressar ao Brasil, tendo falecido em Juiz de Fora, Minas Gerais, em junho de 1899. Pouco se disse dele na época, apenas algumas sentidas orações fúnebres por parte daqueles que tiveram o privilégio de privar de sua intimidade. Convinha à conspiração republicana e aos adeptos do sistema vigente apagar a memória do grande estadista da monarquia.

Viúva, a Viscondessa voltou para a França, onde residiu durante 26 anos.

Catálogo de Medalhas

Em 1889, a Viscondessa de Cavalcanti publicou no Rio de Janeiro o *Catálogo de Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil*, de sua coleção particular. Foram impressos 25 exemplares, 5 em papel de Japão e 20 em papel de Holanda. Essa rara publicação descreve 115 medalhas, cujas datas vão de 1596 a 1888.

Em 1910, segunda edição aumentada e ilustrada, com tiragem de 100 exemplares foi publicada em Paris, nela, descrevem-se 294 medalhas, com datas de 1596 a 1903, incluindo-se o período do Brasil República. Lê-se na segunda edição:

“Les médailles ne sont pas seulement des objets d’art, ce sont aussides monuments historiques. Les événements y sont plus sûrement que dans les livres et leur témoignage, sans être irrécusable, est plus naif et plus authentique, plus sûr que celui de l’histoire parce qu’il ne faut qu’un instant et un trait de plume pour écrire une erreur ou un mensonge, tandis qu’il en coûte tant de peines et de jours pour les modeler et les fondre, encore pour les graver! Chaque medaille est un abrégé de La petite histoire écrite en Marge de La grand, et qui est celle des individualités marquantes dont les traits sont désormais transmis à la posterité par la main du sculpteur ou du graveur (Charles Blanc)”.

As medalhas estão descritas em termos dos seguintes períodos históricos: Brasil Colonial, Ocupação Holandesa; Brasil Colonial, Domicílio Português; Brasil Império, Primeiro Reinado – D. Pedro I; Segundo Reinado – D. Pedro II; O Brasil República, que está incluído na segunda edição. Algumas das classificações apresentam subtítulos temáticos.

As medalhas da coleção

É interessante mencionar as duas medalhas mais antigas da coleção da Viscondessa. Referem-se ao Brasil colonial durante a ocupação holandesa e foram cunhadas no ano de 1596. Trata-se da *Sidere Proficiant Dextro Neptunia Regna*, a qual diz respeito às expedições comerciais dos holandeses. Em guerra contra o rei da Espanha e Portugal, organizou-se uma expedição Marítima à América portuguesa para fazer um carregamento de pau-brasil, com conviência de portugueses da Colônia, que desconsideraram, assim, as severas ordens do Reino. Nesse mesmo ano, a *Nunc Spe Nunc Metu* comemorou a esquipação da primeira frota holandesa destinada ao Brasil.

A Viscondessa possuía, também, a primeira medalha referente ao Brasil Colonial, sob domínio português. Trata-se da *René Duguay-Trouin*, cujo nome relaciona-se à história do Brasil, pela expedição realizada ao Rio de Janeiro. Perpetua a memória de sete naus de guerra, oito fragatas e dos 5.684 homens que conquistaram a cidade em 1711.

Medalhas sobre Portugal começaram a surgir a partir de 1800. No Catálogo, em nota de rodapé, menciona -se o nome de Zeferino Ferrez, primeira pessoa a introduzir a gravura de medalhas no Brasil, em 1820.

A propósito dos catálogos publicados pela Viscondessa, no volume XV da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1910, p. 455, lê-se: “A Exma. Sra. viscondessa

de Cavalcanti ofereceu sua obra em dois volumes sob o título “*Catálogos de Medalhas Brasileiras ...*”. Infelizmente, os dois volumes oferecidos pela Viscondessa ao Instituto não foram encontrados pela autora deste artigo.

Museu Mariano Procópio

O Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, o primeiro a ser criado em Minas Gerais, marco de pioneirismo da cidade, é obra de Alfredo Ferreira Lage (1895-1944). Primo de Amélia Cavalcanti, Alfredo era filho de Mariano Procópio Ferreira Lage, construtor da primeira estrada de rodagem macadamizada no Brasil, no período de 1856 a 1861, a qual ligava Juiz de Fora a Petrópolis.

Nesse museu, a Sala da Viscondessa de Cavalcanti possui 95 peças. Da coleção doada, fazem parte moedas Greco-romanas com a efígie do imperador Júlio César e raros exemplares de medalhas cunhadas na Europa, referentes à ocupação holandesa na Bahia, em 1624, e em Pernambuco em 1631. Os principais acontecimentos no Brasil – com destaque para os períodos colonial e imperial – estão retratados em moedas e medalhas cunhadas em ouro, prata e bronze, nessa magnífica coleção. São peças referentes à aclamação de D. João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarve (1820), à chegada de Dona Leopoldina, arquiduquesa da Áustria ao Brasil (1817), e à coroação de D. Pedro II (1841).



Além das medalhas que pertenceram à Viscondessa, encontra-se na sala curioso objeto pessoal. Trata-se de um leque, de madeira e papel, com 102 cm de abertura por 35 cm de raio, contendo 69 mensagens escritas por personalidades brasileiras e estrangeiras durante período de 55 anos. O primeiro a assinar esse leque foi D. Pedro II, em 1890. Nesse se encontram mensagens da Princesa Isabel, de Tommaso Salvini, Carlos Gomes, Alberto Santos Dumond, Alexandre Dumas Filho, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Getúlio Vargas e outros. A Viscondessa assinou seu leque em 1945, um ano antes de sua morte. Devidamente protegido, o leque permite observar assinatura em ambos os lados.

Museu Nacional de Belas-Artes

O riquíssimo acervo do Museu Nacional de Belas –Artes originou-se da pequena coleção de 54 telas, trazidas para o Brasil pela Missão Artística Francesa, em 1816, às quais logo se acrescentaram obras de propriedade do D. João VI. A coleção compõem-se primordialmente de pinturas brasileiras do século XIX e início do século XX, muito embora haja, também, uma pequena, mas representativa, coleção de pintura estrangeira, com quadros da Escola Barroca italiana e telas de Eugène Boudin.

O conjunto de pintura brasileira reúne obras de Rodolfo Amoedo, Antonio da Silva Parreiras, Victor Meireles, Henrique Bernardelli, Eliseu Visconti, Fario Vilares Barbosa, João Zeferino da Costa, Pedro Américo, Décio Vilares e Almeida Junior. Ai se encontram obras-primas como *O Último Tamoio*, de Amoedo, *Primeira Missa no Brasil e Batalha de Guararapes*, de Meireles, *Maternidade*, de Bernardelli, *Gioventù*, de Viscont, *Óbulo da Viúva*, de João Zeferino da Costa, e *A Batalha do Avaí*, de Pedro Américo. Nesse museu, encontra-se o retrato da Viscondessa de Cavalcanti, pintado por Léon Bonnat (1833-1922), em 1889, e doado no ano de 1926.

O Instituto histórico e Geográfico Paraibano possui retratos a óleo da Viscondessa de Cavalcanti e de seu marido, ambos de autoria de Labatut, os quais haviam pertencido anteriormente à D. Virgínia Cavalcanti de Albuquerque, irmã do Visconde.

Esse breve relato mostra alguns fatos relevantes da vida de Amélia Machado de Coelho e Castro, cuja presença marcou rapidamente a sociedade brasileira pelo seu vivíssimo talento, por sua beleza e generosidade. Estrela que não se apaga, a Viscondessa de Cavalcante merece ser lembrada pelo muito que fez pela cultura de nosso País.

*A Sra. Viscondessa de Cavalcanti não cedeu nunca
de seu império de distinção, elegância e formosura.
E, ainda hoje, é pena que apareça tão pouco,
Porque reinaria ainda*
Wanderley Pinho, 1942.

Bibliografia

Barata, Almeida C.E. de; Cunha Bueno, A.H. *Dicionário das Famílias Brasileiras*, Ibero America, s.d.

Blake, A.V.Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Edição de Conselho Federal de Cultura, Guanabara, 1970

Catálogo de medalhas brasileiras e das estrangeiras referentes ao Brasil, da coleção numismática pertencentes à Viscondessa de Cavalcanti, 2ª edição aumentada e ilustrada, Pariz, 1910.

Collecção Numismática Brazilica peertencente à Viscondessa de Cavalcanti. *Catálogo das medalhas brasileira e das estrangeiras referentes ao Brazil*, 1889.

Pinho, W. *Salões e damas do segundo reinado*. Com desenhos de J.Wasth Rodrigues. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1942.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v.X, p. 588,1905.

Revista do Instituto histórico e Geográfico de São Paulo, v. XV, p. 455, 1910.

Taunay, Afonso de E. *O Senado do Império*, Senado Federal DF, 1978.

Veiga Junior, J.; *“Os viscondes de Cavalcanti”*, Revista do instituto histórico e Geográfico Paraibano, Palestra realizada em sessão de 22 de agosto 1937, p.85-92.

